

GÊNERO, SEXUALIDADE E RAÇA: CONTRIBUIÇÕES DE ARTIGOS APRESENTADOS NO SEMINÁRIO ENLAÇANDO SEXUALIDADES (2009 - 2015)

Roniel Santos Figueiredo (1); Marcos Lopes de Souza (2).

1- *Biólogo, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC) do Órgão em Relações Étnicas e Contemporaneidade (ODEERE) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB. Email: ronielbiologia@hotmail.com.* 2- *Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC) da UESB, campus de Jequié. Email: markuslopesouza@gmail.com.*

Resumo O presente trabalho objetiva discutir e mapear a produção de conhecimento que emergem das publicações de artigos que discutem raça, relação de gênero e sexualidade apresentados no *Seminário Enlaçando Sexualidades*. Esse evento ocorre desde 2009, bianalmente, tendo ocorrido, portanto, quatro edições até a presente data (primeiro semestre de 2017), com a presença de professores/pesquisadores de vários estados do país que discutem sexualidade e as relações desiguais de poder ligadas aos gêneros. Os trabalhos foram selecionados de maneira categorial utilizando Bardin como aporte teórico. Dessa forma, os trabalhos foram agrupados em seis (6) categorias: Lesbianidades Negras; Mulheres Negras; Livros e Literatura; Violência Sexual e de Gênero; Afetividade; Masculinidade. Foi possível perceber após análise que há contribuições dos trabalhos principalmente para o estudo de mulheres negras e suas trajetórias de vida marcadas pelas discriminações, quando comparado com outros grupos, inclusive, outras mulheres. Também foi notória a ausência de trabalhos que se debrucem sobre as homossexualidades negras. Por fim, é perceptível que o evento cumpre o que se propõe enlaçando as sexualidades a outros marcadores como gênero, raça, classe social, etc.

Palavras-chave: gênero, seminário enlaçando sexualidades, raça, etnia.

Introdução

As discussões sobre gênero e sexualidade na contemporaneidade estão inseridas em um contexto de instabilidade, em que instâncias fundamentalistas, sobretudo as religiosas judaico-cristãs, têm se levantado contra as discussões a respeito de gênero e sexualidade. Nesse sentido, a presença de espaços que se propõem a discutir a temática é uma postura de enfrentamento e resistência às normatizações que são impostas socialmente e ganham caráter de naturalidade com o decorrer do tempo.

O presente trabalho objetiva discutir e mapear a produção de conhecimento que emergem das publicações de artigos que discutem raça, relação de gênero e sexualidade apresentados no *Seminário Enlaçando Sexualidades*. Esse evento ocorre desde 2009, bianalmente, tendo ocorrido, portanto, quatro edições até a presente data, com a presença de professores/pesquisadores de vários estados do país que discutem sexualidade e as relações desiguais de poder ligadas aos gêneros.

No texto de abertura da primeira edição é apresentada a motivação para o nome do evento, o que é retomado na segunda edição (2011):

“Enlaçar não tem como propósito a defesa dos semelhantes e sim o que se constitui no ato do enlace. É o desejo de se tecer com experimento e, em cada fio do laço, traçar o que se difere frente às percepções de cores e dos choques do fiar quando o movimento ocorre no plano avesso de enunciados fixos. Ao revelar o sentido de sexualidades por esse tom, as marcas que revestem o indivíduo são relocadas no processo de desconstituição de sua essência, o que denota a disseminação de cortes e de entrefeches diante do poder de desafiar o dado, o disciplinar, reprogramando lugares comuns como práticas de leituras que pouco ou nada desafiam o plano das ordens e de únicas vias interpretativas” (SEMINÁRIO ENLAÇANDO SEXUALIDADE, 2011, p. 1).

A primeira edição foi realizada na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus I, em Salvador-BA, cujos realizadores/as foram o Núcleo de Estudos de Gênero e Sexualidade – Diadorim – e a Associação Brasileira de Magistrados, Promotores de Justiça e Defensores Públicos da Infância e Juventude. Nessa edição os trabalhos foram apresentados em seis grupos de trabalhos, intitulados pelos/as organizadores/as do evento como “enlaces temáticos”, no entanto a publicação dos anais foi feita por ordem alfabética.

Na segunda edição, em 2011, o evento ocorreu no Centro de Convenções da Bahia e seus realizadores foram o Doutorado Multidisciplinar Multi- institucional em Difusão de Conhecimento, o Mestrado em Crítica Cultural e NUGSEX-Diadorim. Nesta edição foram discutidas as seguintes temáticas: Direito, Relações Etnicorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução, Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura, que se desdobraram em quatorze enlaces temáticos.

A terceira edição do evento, ocorrida em 2013, discutiu as culturas da sexualidade, buscando pluralizar a ideia de cultura e as relações diacríticas que estão envolvidas na compreensão de cultura aplicada à sexualidade. A pluralização das culturas sexuais está abarcada na relativização que os estudos antropológicos contemporâneos têm sinalizado nas últimas décadas. A discussão sobre essa temática distendeu-se em onze enlaces temáticos.

A quarta edição realizada em 2015 teve como foco central temáticas envolvidas em processos de tensões, deslocamento de regras, questionamentos das normas e normatizações, bem como, da autoridade da Biologia e Medicina sobre os corpos e as influências desses poderes na vida das pessoas. Destarte, a temática principal que direcionou os trabalhos do evento foi *Moralidades, Famílias e Fecundidades*. Essa foi a maior edição do evento em número de enlace temáticos, composta por quarenta e cinco grupos de trabalhos - GT, apresentando também um notoriedade do seminário a nível nacional.

Percurso Metodológico

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que utiliza da análise de conteúdo (Bardin, 2011). Foi encontrado um quantitativo de vinte e cinco trabalhos (25), três (3) na primeira edição; sete (7) na segunda; quatro (4) na terceira e onze (11) na quarta edição.

Para o processo de categorização houve a leitura flutuante (BARDIN, 2011) prévia de todos os trabalhos pré-selecionados, de acordo a temática. Para tanto, na primeira edição do evento os trabalhos foram selecionados pelos títulos e nas demais pela presença nos enlaces temáticos. Na segunda edição foram selecionados os trabalhos do enlace temático *A heteronormatividade e o racismo na produção da violência de gênero contra a mulher*; Na terceira foram selecionados os artigos apresentados no enlace *Raça e Etnicidade* e na quarta foram escolhidos os trabalhos apresentados no enlace *Identidades intercruzadas: gênero, raça e sexualidades*. Essa seleção se deu por proximidade com a temática a ser mapeada, pois o evento não utiliza os mesmos títulos para os Grupos de Trabalhos em todas as edições. Apesar de compreender que há a necessidade de estabelecer parâmetros para a captação dos artigos, reconheço que a metodologia utilizada representa um limite, pois é possível que outros trabalhos que tenham relação com a temática estejam inscritos em outros enlaces temáticos, inclusive por ser comum nas discussões de gênero e sexualidade a problematização de aspectos interseccionados, o que, provavelmente, possibilita que os trabalhos inscritos aproximem-se do que é proposto em mais de um GT. Nesse sentido, destaco que as categorias são cambiantes, fluídas e se intercruzam em vários aspectos.

Os trabalhos foram selecionados de maneira categorial utilizando Bardin (2011) como aporte teórico. Dessa forma, os trabalhos foram agrupados em seis (6) categorias: Lesbianidades Negras; Mulheres Negras; Livros e Literatura; Violência Sexual e de Gênero; Afetividade; Masculinidade, como apontado pelo Quadro 1.

Quadro 1

Relação de trabalhos selecionados e categorias produzidas

Categoria	Título	Autoria
Violência Sexual e de Gênero	A experiência sobre rede de proteção contra violência de gênero em Aracaju	(OLIVEIRA; OLIVEIRA; MENDONÇA, 2011)
	Ser ³ ção de resistência: Relatos da transversalização das identidades marginalizadas na cidade de Delmiro Gouveia – Alagoas	(RAMOS; Et al, 2015)
	Parado aí! Vigiar e Punir o corpo em diferenças estéticas de abordagem da polícia militar nas periferias de Salvador	(REIS, 2013)

	A violência contra a mulher numa perspectiva histórica e Cultural	(SANTIAGO; COELHO, 2011)
	Histórias das mulheres: Uma análise de mulheres vítimas da violência em Delmiro Gouveia – AL	(ARAÚJO; SILVA, 2015)
	O sexismo nas músicas de pagode em Salvador: discutindo a violência contra a mulher em sala de aula	(PORTELA; Et al, 2011)
	“Negra e pobre”: Violência sexual, racismo e relações de gênero em um auto de defloração de 1903	(QUEIROZ, 2011)
	Corações Doentes: Uma análise da construção cultural do papel da mulher e sua utilização nos processos de crimes passionais	(FARIAS; FERNANDEZ, 2011)
Mulheres Negras	Mulheres negras em Cuba após 50 de revolução	(SANTOS, 2011)
	A mulher na capoeira e a participação no movimento de resistência ao sistema racista e patriarcal	(SILVA, 2015)
	O que é ser puta? Uma história da prostituição em Delmiro Gouveia	(SILVA; SILVA, 2015)
	Entre o desejo e o estereótipo, marcas culturais e discursivas do/no corpo feminino negro	(MÁCEDO; MOREIRA, 2013)
	Sobre Griots: Por uma história das mulheres negras, por elas mesmas	(MBANDI, 2015)
	Mulheres em situação de rua: Trajetórias de invisibilidade e exclusão na construção de identidades	(DIAS; Et al, 2015)
	Auto-estima negra: um demarcador da competência racial	(JULIO;STREY, 2009)
Livros e Literatura	O trauma como força matriz da obra de maya angel	(FERREIRA; NORONHA, 2015)
	A representação do negro no livro didático	(GOMES; SILVA; SANTOS, 2015)
	Beauvoir e foucault: quais os impactos desse debate Teórico para as questões de gênero e sexualidades na Atualidade?	(SILVA, 2015)
	A literatura pós-colonial e a construção da identidade feminina negra em “a cor púrpura” de alice walker.	(RAMOS, 2009)
Lesbianidades Negras	Rompendo o silêncio e a invisibilidade lésbica negras de Salvador	(SANTOS, 2009)
	Lesbianidade negra em debate: as falas de ativistas negras brasileiras	(CARDOSO, 2013)
	Ser lésbica ou Lésbika Polítika	(PESSAH, 2015)
Masculinidades Negras	“Barril <i>frenético</i> ”, cartografando o <i>patrão</i> : diálogo com a masculinidade negra	(OLIVEIRA, 2015)
	Masculinidades em debate: analisando teorias e enlaçando a sociedade paulo afonsina.	(JÚNIOR, 2015)
Afetividade Negra	Relações amorosas etnicorraciais e suas implicações na educação	(SAMPAIO; SANTOS, 2013)

Em torno da categoria *Mulheres Negras* foram selecionados trabalhos que contam da trajetória de resistência de mulheres negras em diversos contextos sócio-culturais. Os trabalhos que versam sobre mulheres lésbicas foram alojados na categoria *Lesbianidades Negras*. Na categoria

Violência Sexual e de Gênero estão os trabalhos que abordam processos discriminatórios que grupos abjetos¹ sofrem por suas orientações sexuais ou identidades de gênero dissidentes, tendo em vista o padrão sexista e heterossexual imposto na contemporaneidade. Na categoria *Livros e Literatura* estão os trabalhos que discutem as relações de gênero e sexualidade em obras literárias ou a importância de trabalhos de autores para o avanço na discussão da temática. Os artigos que trabalham com a masculinidade foram selecionados em uma categoria de igual nome e por fim, os trabalhos que discutem os aspectos afetivos da população de Lésbica, Gay, Transsexuais, Travestis, Transgêneros e Intersexuais – LGBTTI negras/os foram designados à categoria *afetividade*.

Tabela 1
Artigos selecionados por categoria e ano

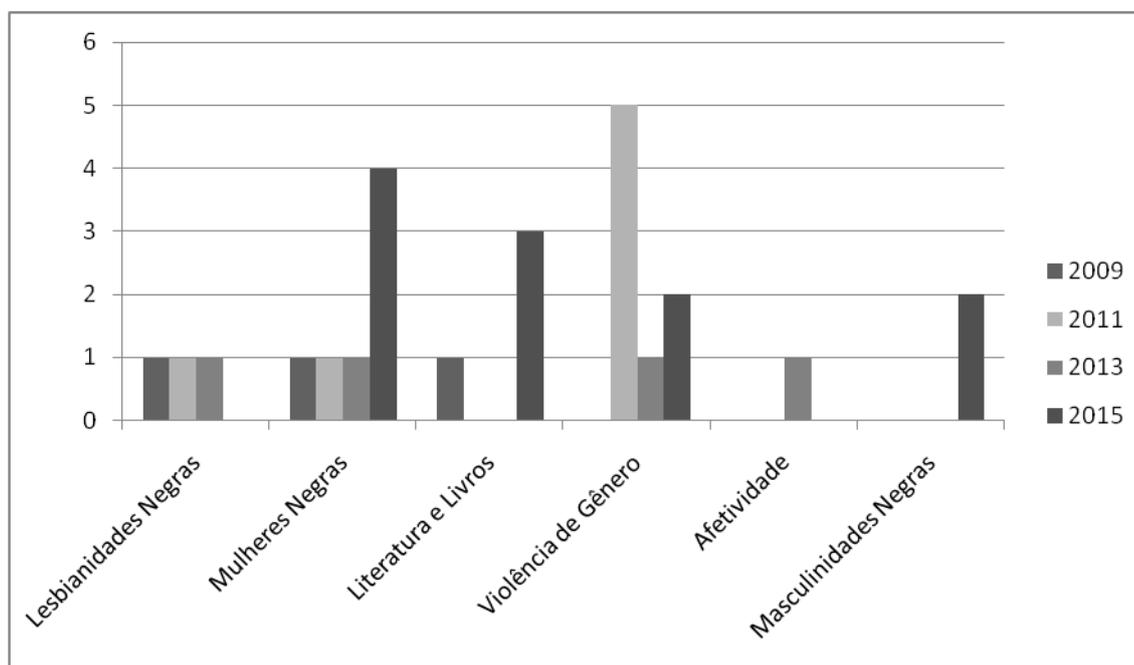
Categoria	2009	2011	2013	2015	Total
Lesbianidades Negras	1	1	1	0	3
Mulheres Negras	1	1	1	4	7
Livros e Literatura	1	0	0	3	4
Violência Sexual e de Gênero	0	5	1	2	8
Afetividade Negra	0	0	1	0	1
Masculinidade Negra	0	0	0	2	2
Total					25

A tabela 1 revela que 32% dos trabalhos analisados discutem os processos de *Violência Sexual e de Gênero* que estão diretamente ligados aos processos discriminatórios que são experimentados pelas pessoas que não fazem parte do padrão hegemônico e são marginalizados/as e experimentam diversos processos de violência e violações dos seus direitos. Destaca-se também que 28% dos trabalhos encontrados discutem sobre *Mulheres Negras*, uma área que têm estudos crescentes nas últimas décadas com o avanço e popularidade do movimento feminista. Algo que não se nota nos trabalhos que discutem as *Masculinidades Negras*, com uma presença pouco expressiva de apenas 8% dos trabalhos apresentados. Nesse sentido, há também uma quantidade expressiva (12%) de trabalhos voltados para as *Lesbianidades Negras*, apesar de não haver nenhum trabalho que discuta a temática na edição de 2015 é perceptível que as mulheres lésbicas têm

¹ Conforme Butler (2000, p. 153) “abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito”.

ganhado espaço nas discussões acadêmicas. Por fim, destaca-se também que 16% dos trabalhos apresentados emergem da categoria *Livros e Literatura* e apenas 4% da categoria *Afetividade*. A quantidade de frequência em que os artigos foram apresentados no decorrer das edições pode ser percebida na Figura 1.

Figura 1
Relação de Artigos Apresentados por ano e por categoria



Reflexões Sobre Gênero, Sexualidade E Raça: Mapeamentos E Ensaio

A maioria (75%), dos artigos selecionados na categoria *Violência de Gênero e Sexual* versam sobre violência que mulheres sofrem no decorrer de suas vidas, as demais dizem respeito aos outros grupos também marginalizados (LGBTI, Homens Negros). Esse dado possibilita discutir o quanto a área de estudos voltados para as mulheres tem crescido nos últimos anos, como apresenta a Figura 1, o maior quantitativo de trabalhos encontrados foi em 2015. Nesse sentido, destaca-se o quanto as mulheres ainda são violentadas na sociedade contemporânea e como tem aumentando a produção de conhecimento nessa área. Essas violências são instauradas ainda quando elas são muito jovens, havendo uma série de direitos que lhes são negados. Elas são criadas para servirem os seus maridos, para serem “boas esposas” trazendo nesse processo traços explícitos do processo de

colonização que nosso país sofreu. A sociedade atual ainda traz os estigmas da época de colonização na estruturação social e de gênero, principalmente no que refere as mulheres. Falar de sexo e/ou sexualidade para muitas ainda é considerado um tabu, como demonstra a professora Guacira Lopes Louro (2008) que inicia o seu trabalho intitulado *Pedagogias da Sexualidade* dizendo:

Como jovem mulher, eu sabia que a sexualidade era um assunto privado, alguma coisa da qual deveria falar apenas com alguém muito íntimo e, preferencialmente, de forma reservada [...] viver plenamente a sexualidade era, em princípio, uma prerrogativa da vida adulta, a ser partilhada com **um parceiro do sexo oposto** (LOURO, 2008, p. 9, grifo meu).

Essa afirmativa de Guacira aponta para uma realidade que perpassa as maneiras em que os gêneros são compreendidos. Pois, segundo a norma a mulher deve relacionar-se apenas com um homem, extrapolar esse limite é assumir um papel bestial, passando a ser considerada promíscua. Essa ideia da mulher como ser inferior perpassa diversos contextos histórico-sociais como elucida Bernardi (1985) que percebe que o corpo feminino sempre foi visto como algo impuro, desqualificado moralmente, sendo esse um dos principais motivos para as misoginias, pois:

“[...] sendo o corpo da mulher mais “impuro que o do homem, chega-se à conclusão de que a mulher começando por Eva, é a tentadora, e portanto o veículo da perdição, a arma do Diabo e, no final das contas, um ser que o macho deveria controlar, obviamente do alto, e manter à deriva distância. Na tradição burguesa é habitual o emprego da palavra “puta” para indicar as mulheres que não se adaptam escrupulosamente aos modelos comportamentais escolhidos pelo homem (BERNARDI, 1985, p. 62).

Dessa forma, a mulher passou a ser encarada com propriedade do homem, como serva que deve resignar-se ao seu lugar de submissão. Contudo, uma corrente onda de mulheres tem se levantado contra essa normatização desigual que submete um gênero ao outro. Esse processo de “revolta” tem desagradado muitos homens criados em sistemas machistas, sexistas e discriminatório que têm respondido de maneira brutal, muitas vezes, inclusive, assassinando as suas parceiras como apontado pelos trabalhos de Santiago e Coelho (2011) e de Farias e Fernandez (2011) apresentados no Seminário supracitado que discutem sobre crimes passionais. Cabe salientar que há um processo de naturalização das violências que as mulheres sofrem nos espaços domésticos (FOUCAULT, 1987).

Esse processo discriminatório é potencializado com mulheres negras como elucida Queiroz (2011) ao apresentar um auto de defloração de uma jovem de 14 anos em 1903 e a forma em que

o processo foi encaminhado para culpabilizar a vítima pelo seu estupro. Em uma sociedade misógina e racista ser mulher negra pode ser considerado com um estigma que fomenta árduas [falta de] condições de vida.

Nessa discussão emerge a segunda categoria com maior presença de trabalhos: *Mulheres Negras*. Talvez essas duas primeiras categorias pudessem ser unificadas em uma maior que abrangesse os estudos sobre mulheres. No entanto, preferi fazer essa separação para emergir nessa categoria trajetórias de mulheres que mesmo passando por todos os processos de desigualdades supracitados, conseguem contornar os processos de discriminações e violências.

Compreender-se e empoderar-se como negra/o é um processo de ruptura com um padrão hegemônico eurocêntrico que coloca como norma a branquitude e seus traços físicos. O racismo surge nesse contraponto, as/os negros/as são marcados/as pela marginalização. Delas/es são esperadas as piores atitudes (JULIO; STREY, 2009).

As mulheres negras que buscaram e buscam romper com os estigmas que lhe foram impostos no decorrer de suas vidas utilizaram de diversas formas para conseguirem ocupar lugares na sociedade Silva (2015) discute o processo de inserção das mulheres na capoeira como espaço de empoderamento negro. A reescrita das histórias de mulheres negras por elas mesmas é um dos processos que Mbandi (2015) discute em seu texto ao trazer que:

Considero a mulher negra um ser em construção, sua história não é inédita e suas trajetórias inter cruzam os limites do atlântico fazendo com que mulheres negras com trajetórias diaspóricas completamente diferentes, tenham vivido experiências marcantes muito semelhantes entre si. Como todo ser em construção a escolha das ferramentas corretas são imprescindíveis para o resultado final dessa história, por esse motivo a escolha de fontes históricas com pouco prestígio na tradição acadêmica não poderia ser mais oportuna para esse trabalho, como escreveu a poetisa negra Audre Lorde³ “As ferramentas do mestre nunca vão dismantelar a casa grande”. Sem dúvidas que a retomada de Si tem sido fundamental nesse projeto, apropriar-se do conhecimento e estratégias produzidas por outras mulheres negras impulsionam esse reescrever da história como a possibilidade de um legado para as gerações vindouras (MBANDI, 2015, p. 10).

Corroboro com a autora ao entender que a mulher negra está em processo de construção, ou seja, que o seu empoderamento está sendo formado na contemporaneidade. A ruptura com um processo escravocrata que marcou os corpos negros está dando os seus primeiros passos, sobretudo, no que se refere aos corpos de mulheres negras muito ainda há por ser feito.

A terceira categoria aqui apresentada é a *Lesbianidades Negras* em que mulheres escrevem sobre os processos de silenciamentos e invisibilidades das mulheres negras que desejam afetivo-

sexualmente outras mulheres. Destaca-se nesse processo a necessidade de um reinventar do movimento feminista para que ele dê conta das especificidades das mulheres negras e lésbicas, pois essas mulheres sofrem discriminações interseccionais que estão ligadas ao gênero, raça/etnia e sexualidade. Elas ainda são silenciadas no seio do feminismo que, assim como outros movimentos e instâncias sociais, supervalorizam o caráter eurocêntrico. Hooks (1995) entende que historicamente as mulheres negras receberam mais estigmas que as mulheres brancas e que elas fortaleceram a ascensão do movimento feminista, possibilitando que as mulheres brancas conseguissem seus direitos. No entanto, o movimento feminista ainda não consegue dar conta das demandas intrínsecas às mulheres negras lésbicas, apesar da terceira onda do movimento ter como marca principal essas especificidades e reconhecimento de que existem mulheres e não uma mulher universal com demandas que se aplicariam à todas.

Os relatos apresentados nos artigos dessa categoria apresentam mulheres empoderadas que, na maioria das vezes, usaram o movimento social negro para conseguirem se posicionar politicamente enquanto pessoas que compreendem o caráter de invenção das verdades sócio-culturalmente estabelecidas, reescrevendo as suas histórias marcadas pelas dores criadas por uma sociedade que não consegue lidar com as diferenças. Ao estabelecer um padrão, outras tantas formas de vivência são excluídas como aponta Tomaz Tadeu da Silva (2000):

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger - arbitrariamente - uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é "natural", desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. Paradoxalmente, são as outras identidades que são marcadas como tais. Numa sociedade em que impera a supremacia branca, por exemplo, "ser branco" não é considerado uma identidade étnica ou racial. Num mundo governado pela hegemonia cultural estadunidense, "étnica" é a música ou a comida dos outros países. É a sexualidade homossexual que é "sexualizada", não a heterossexual. A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade (SILVA, 2000, p. 5).

A presença dessas três primeiras categorias aponta para o crescimento dos estudos sobre mulheres, especialmente mulheres negras nos últimos anos. Algo que não se nota nos estudos sobre *Masculinidades Negras* com a presença de apenas dois trabalhos apresentados em 2015. Apesar

desse quantitativo pequeno é importante problematizar a posição do homem negro quando comparado com o homem branco. Ao negro sempre foi dada a posição animalesca, hipersexualizada, enquanto ao branco foi dado o papel de masculinidade ideal em um imaginário ocidental. Contudo, muitos homens negros têm utilizado desse processo de hipersexualização que são submetidos para se empoderarem, subvertendo o lugar em que são colocados, saindo da condição de “coisa” utilizável, para protagonistas de suas histórias marcadas pelas lutas diárias. Destaca-se a ausência de estudos que discutam sobre as homossexualidades negras, sendo uma lacuna de conhecimento que pode fomentar novas investigações.

Na categoria *Literatura e Livros* foram apresentados trabalhos que analisam obras bibliográficas e suas contribuições para os estudos de gênero e sexualidade, bem como, as representações de histórias de pessoas em obras literárias. Destaca-se também um trabalho que busca analisar a imagem dos/as negros/as nos livros didáticos e como elas influenciam no imaginário social sobre essas pessoas. Cabe pontuar que o ambiente escolar não apenas reproduz, mas na maioria das vezes, institui e produz preconceitos e discriminações (LOURO, 2008).

Por fim, a última categoria selecionada para análise foi *Afetividade*. Essa categoria é composta por apenas um artigo de autoria de Sampaio e Santos (2013), intitulado *Relações Amorosas Etnicorraciais e Suas Implicações na Educação*. Apesar desse pequeno quantitativo, a discussão dessa temática é de suma importância para compreensão dos processos diacríticos que ocorrem nas relações etnicorraciais e como as pessoas são encaradas. Nesse sentido é preciso compreender que a forma em que o desejo se manifesta é uma invenção sócio-cultural, essa perspectiva é uma seara tênue e bastante polêmica, pois muitos/as consideram os desejos afetivo-sexuais como intrínsecos.

Assim, cabe retomar o processo de escolarização das pessoas negras e o papel que elas desempenham no ambiente escolar em um contexto de entendimento que as diferenças estão na escola e fazem parte dela. Foram incorporadas ao currículo de forma obrigatória no ensino fundamental e médio nas escolas públicas e particulares, no ano de 2003 pela implementação da lei 10.639/03 que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/1996 as discussões de história e cultura afro-brasileira e africana (BRASIL, 2004).

Segundo o texto dessa lei, devem ser abordados nessa disciplina “a História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política, pertinentes à História do Brasil.”. Instituinto também o dia 20 de novembro, no calendário escolar,

como “Dia Nacional da Consciência Negra”. Apesar de todo o avanço que a implementação dessa lei demonstra, é preciso uma análise problematizadora do ensino das africanidades brasileiras. Pereira, Junior e Silva (2009) analisaram a forma em que as africanidades são trabalhadas na educação física, após o processo a lei e notaram que ainda é disseminada uma visão pessimista e discriminatória das africanidades. Geralmente, a cultura afro-brasileira e africana adentram a escola pelo viés do exótico, como algo pontual, uma “data comemorativa”. Como se fosse algo que não está inserido de fato no cotidiano escolar. Dessa forma, são trabalhados a culinária, a dança, os jogos, as músicas, mas os aspectos de luta, de discriminações e resistências que permeiam essas manifestações culturais não são levadas em consideração (SILVA, 2005).

Considerações Finais

Os trabalhos apresentados no Seminário Enlaçando Sexualidades contribuem para a área de gênero, sexualidade e raça, especialmente no que refere aos estudos que emergem a trajetória de luta de mulheres negras.

Aponta-se o caráter interseccional dos trabalhos apresentados, possibilitando que o mesmo trabalho esteja em mais de uma categoria. Algo muito peculiar dos estudos de gênero e sexualidade, pois ao lidar com situações experimentadas por pessoas não é possível que haja uma categorização rígida, com enquadramentos. Nesse sentido, percebe-se que os arranjos aqui selecionados podem ser rearranjados por outros/as que se proponham a mapear e discutir a temática aqui pesquisada.

Aponta-se a ausência de estudos que discutam as homossexualidades negras, como uma lacuna no conhecimento divulgado nesse seminário. Destaca-se também, a contribuição da escola para o fortalecimento dos preconceitos e discriminações para com as pessoas negras e LGBTI.

Por fim, é notória a contribuição do evento e seu crescimento na área e nas discussões a que se propõe, como o nome do evento propõe, são enlaçadas as sexualidades, os gêneros, as etnias, as raças e emergem trabalhos que discutem, mas que também têm uma missão e posicionamento político, ao buscar problematizar o essencialismo que naturaliza algumas identidades em detrimento de outras.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e cultura Afro-brasileira**. Brasília: MEC, 2004.

BERNARDI, M. **A deseducação sexual**. São Paulo: Summus, 1985.

BARDIN, L. A análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo; In: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 151-165.

FARIAS, A. C; FERNANDEZ, O. Corações Doentes: Uma análise da construção cultural do papel da mulher e sua utilização nos processos de crimes passionais. In: **Seminário Enlaçando Sexualidades**. 2. 2011, Salvador: Universidade Estadual da Bahia. p. 1-8.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 24ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

JULIO, A. L. S; STREY, M. N. Auto-estima negra: um demarcador da competência racial. In: **Seminário Enlaçando Sexualidades**. 1. 2009, Salvador: Universidade Estadual da Bahia. p. 1-8.

HOOKS, Bell. **Intelectuais negras**. In: Revista Estudos Feministas, Florianópolis, ano 3, n. 2, p. 464 – 478, 1995.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MBANDI, N. Sobre griots: por uma história das mulheres negras, por elas mesmas. In: **Seminário Enlaçando Sexualidades**. 4. 2015, Salvador: Universidade Estadual da Bahia. p. 1-12.

QUEIROZ, R. C. R. “Negra e pobre”: violência sexual, racismo e relações de gênero em um auto de defloração de 1903. In: **Seminário Enlaçando Sexualidades**. 2. 2011, Salvador: Universidade Estadual da Bahia. p. 1-9.

SAMPAIO, D. A. S; SANTOS, N. R. Relações Amorasas Etnicorraciais e Suas Implicações na Educação. In: **Seminário Enlaçando Sexualidades**. 3. 2013, Salvador: Universidade Estadual da Bahia. p. 1-9.

SANTIAGO, R. A; COELHO, M. T. A. D. A violência contra a mulher numa perspectiva histórica e Cultural. In: **Seminário Enlaçando Sexualidades**. 2. 2011, Salvador: Universidade Estadual da Bahia. p. 1-9.

SEMINÁRIO ENLAÇANDO SEXUALIDADE. Fala de abertura. In: **Seminário Enlaçando Sexualidades**. 2. 2011, Salvador: Universidade Estadual da Bahia. Disponível em: <http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2012/07/FALA-DE-ABERTURA.pdf>

SILVA, R. S. A mulher na capoeira e a participação no movimento de resistência ao sistema racista e patriarcal. In: **Seminário Enlaçando Sexualidades**. 4. 2015, Salvador: Universidade Estadual da Bahia. p. 1-14.

SILVA, P. B. G. e. Aprendizagem e Ensino das Africanidades Brasileiras. In: MUNANGA, Kabengele (org) **Superando o racismo na escola**. Brasília : MEC/SECAD, 2005.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da (Org.) **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000: 103-133.